

## O combate à classe ociosa

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Titular de Direito Econômico da  
Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e  
Conselheiro da OAB-Seccional de São Paulo

que não é falso. É o discurso em que pretende manter a separação entre empregados e empresários, atirando um dos segmentos que a sustenta contra o outro. Sabe a nova classe ociosa que, enquanto patrões e operários se digladiam, sua atuação fica dispersa e ambos deixam de perceber que a verdadeira origem dos problemas que enfrentam está no peso desmedido dos detentores do poder.

Empregados ganham menos do que deveriam ganhar porque os tributos são elevados e a inflação oficial desestimuladora do desenvolvimento econômico sadio. O fausto da classe ociosa termina obrigando a classe trabalhadora a receber menos do que o necessário, posto que a diferença é destinada ao desperdício e ao ócio conspícuo da excessiva e inoperante máquina pública.

Empresários recebem menos do que deveriam receber por seus produtos porque devem transferir, além do suficiente, sua capacidade de reinvestimento e de produção para o

sustento da ineficiente aparelhagem estatal, através de impostos excessivos, juros estabelecidos pelo governo — e não pelo mercado — e moedas não conversíveis e deterioráveis.

Ora, enquanto a nova classe ociosa transferir para as reivindicações trabalhistas ou para a liberdade de mercado os problemas econômicos de que é a única culpada, à evidência, reduzirá a capacidade de combate à sua ineficiência, porque os segmentos com possibilidade de enfrentá-la se atacam, em luta fratricida e desnecessária.

A única possibilidade de diminuição da força da classe não ociosa a patamares racionais está na união dos dois grandes segmentos da classe não ociosa para combater, sem tréguas, a inoperância oficial, os desperdícios afrontosos, o empreguismo político, os planejamentos irresponsáveis, as mordomias impatrióticas e o imenso cortejo de violências governamentais aos direitos dos cidadãos e da pátria.

Se a classe não ociosa, por exemplo, conseguisse, mediante pressão exercida através dos meios de comunicação, que os aumentos de tributo só pudessem, salvo os casos de guerra externa ou de calamidade pública evidente, ser obtidos através do Congresso Nacional — com o que se valorizariam as funções legislativas — com projetos de lei sendo discutidos amplamente pela sociedade antes da aprovação, cortar-se-ia o recurso que muitos países adotam de o presidente da República ou os detentores do poder legislarem por decretos-leis. Forma de suprimir a insulina tributária para a diabete perdulária da nova classe ociosa é reduzir a facilidade com que a nova classe ociosa onera a produção da classe não ociosa, retirando-lhe aquilo que custou a ganhar, pelo trabalho honrado, para desbaratar de forma menos honrada ou menos competente.

Países civilizados, em que os líderes governistas são estadistas e não interesseiros na

manutenção aos privilégios da nova classe ociosa, partiram já, há algum tempo, para a redução da carga tributária, como forma de reduzir o peso da máquina administrativa, como Inglaterra, Holanda, Estados Unidos. Partem seus líderes do princípio de que o povo, que conhece quanto custa ganhar seu próprio dinheiro, sabe melhor que fazer com ele do que o governo que o recebe sem dimensionar o esforço despendido. Por outro lado, o dinheiro em mãos dos governados é quase sempre aplicado em novas iniciativas econômicas, com o que uma carga tributária menor acaba por gerar uma arrecadação maior, sem desemprego e com pleno desenvolvimento.

Uma das formas, pois, de combate da classe não ociosa à nova classe ociosa reside na sua união, em regime democrático — que a classe não ociosa almeja e que a classe ociosa apenas teoriza, pois que a democracia significa controle indesejável para quem detém o poder de forma inepta — para que possa, efetivamente, reduzir a força do monstro estatal.

As nações apenas crescerão no futuro se obtiverem mecanismos capazes de reduzir o poder dos inúteis, mas para que isto aconteça mister se faz a união de trabalhadores e empresários contra seu maior inimigo.

O futuro de cada país está na capacidade de seu povo em combater a classe ociosa. Quanto maior for a classe ociosa, constituída por tecnoburocratas e políticos, menor futuro terá o país. Já discorremos logamente sobre a matéria em nossos livros "Teoria da Posição Tributária" (Ed. Saraiva 1983) e "O Poder" (Ed. Saraiva, 1984).

A classe não ociosa, pelos seus segmentos produtivos (trabalhadores e empresários), deve-se unir para uma luta sem tréguas contra a mentalidade própria dos detentores do poder.

É bem verdade que a classe ociosa teoriza os mesmos desejos do povo. Fala em luta sem quartel contra a inércia da máquina burocrática, contra o excessivo empreguismo e contra o desperdício do dinheiro público. O discurso moralizador da classe ociosa, todavia, é seguido permanentemente por prática oposta, de resto compreensível, posto que a classe ociosa é sustentada pelos empresários e empregados e não se deve esperar que lance contra si mesma as sementes da destruição. A dicção redutora do ócio conspícuo é, portanto, realmente falsa, na medida em que os governos se auto-alimentam do parasitismo oficial.

Há um discurso, todavia, da classe ociosa